

A dor como potência e movimento Performance e corpo e entre limites

Eckxs Camões Cunha¹ – UFMA

Neste trabalho se propõe a criação de um paralelo entre as possibilidades de criar e a dor como lugar de potência criativa dos processos de produção dos programas e ações performativas. Para isto utilizou-se de uma escrita autobiográfica em primeira pessoa, com relatos que trazem de volta à vida momentos da infância em contraste com ações que envolvem dor física como elemento central das obras. Apresenta-se uma breve análise de artistas que trabalharam e trabalham com limite e a expansão do mesmo como Chris Burden (1946-2015), Carlos Matiel (1989-), entre outros. Todavia, ao decorrer do texto é possível encontrar uma discussão sobre quais são os limites que o corpo das artistas de performance tende perpassar e ultrapassar no campo da performance. Assim ao final há também uma discussão de como os limites nas artes perpassam as dissidências materializadas nos corpo de pessoas negras, trans e corpos que não performam a heterocisnormatividade.

Chris Burden (1946-2015) foi um dos pioneiros em criar trabalhos que provocam o público e até hoje esses trabalhos nos fazem questionar quais são os limites da arte como um todo, não somente da performance enquanto linguagem. É interessante pensar como sua trajetória emerge de um lugar cotidiano para a ruptura; arquiteto de profissão, ele inicialmente trabalhava em uma empresa, quando decide que se cansou de desenhar banheiros e começa na primeira ação a questionar a

¹ Fruto das terras misteriosas da Bahia, nasceu em Feira de Santana e cresceu da força de uma mãe agricultora da Zona Rural de Santa Bárbara. Traz consigo o poder do corpo transgênero. Mestranda em Artes Cênicas no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Maranhão.
E-mail: eckxscamoes@gmail.com

lógica do próprio papel social enquanto funcionário que ele desempenhava no trabalho.

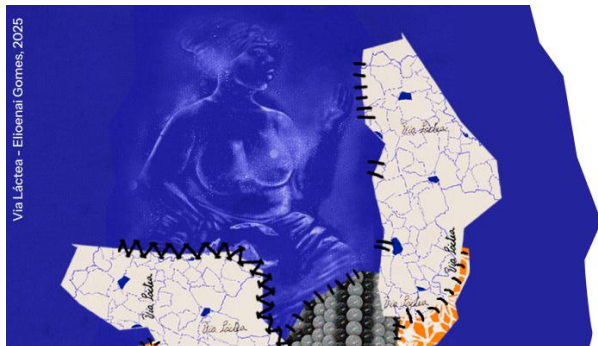
Sua primeira obra intitulada “*Five Day Locker Piece*” (1971), foi uma performance realizada durante seu mestrado com o objetivo de questionar a mesma realidade em que o artista estava inserido e para isto ele se trancou em um armário durante cinco dias no próprio trabalho, as pessoas que passavam conversavam e interagem com ele, enquanto Burden (1971), continuava lá dentro apenas com uma garrafa de água para urinar e outra para beber conforme ele mesmo descreveu.

Fiquei trancado no armário número 5 por cinco dias consecutivos e não saí de lá durante esse tempo. O armário media 60 centímetros de altura, 60 centímetros de largura e 90 centímetros de profundidade. Parei de comer vários dias antes de entrar. O armário logo acima continha 20 litros de água engarrafada, o armário abaixo continha uma garrafa vazia de 20 litros (Burden, 1971, tradução própria).

Em “*Shoot*”, (1971), Burden aqui cria uma de suas primeiras ações em que seu corpo é testado até o máximo dos limites físicos – o real risco de vida. A ação consistiu em um amigo atirar no artista enquanto ele ficava imóvel na frente de uma parede branca, tudo isso documentado em vídeo de apenas oito segundos.

Carlos Matiel, artista nascido em Cuba no ano de 1989 traz em suas obras o seu corpo como espaço de reflexão sobre a história dos processos de dominação nos países da América Latina e África. Em “*tierra de nadie*” (2024) fixa em sua pele bandeiras dos países responsáveis pela exploração e manutenção da escravidão na África, elas atravessam seu peito. A colonização retratada nessa ação não é somente do território geográfico, mas do território-corpo de pessoas negras através da história. À medida que a imagem é forte, ela apresenta uma enorme discussão sobre a reprodução da violência em um micro ato para dar origem a uma problematização sobre o espaço geográfico, sua nação é seu próprio corpo, questionando também os ditos processos civilizatórios em seu país.

Zumthor (2007), discute a ideia do corpo como experiência da criação e possibilidade de gerar uma materialização da realidade ou assumir uma representação de si mesmo, se nosso corpo é também lugar de luta e objeto de



controle, claro que os detentores do poder irão atacar esse espaço. Essa não trata somente de uma luta por terra ou território geográfico, mas de construção de uma identidade social e cultural de um povo, quando você finca uma bandeira, você também instaura uma nova ordem social que será dominante naquele lugar, aqui temos o corpo transpassado por diversas hastes, o ser humano quase não humano e bem mais objeto de desejo, é explícito assim como o papel que o corpo negro ocupou durante a história da humanidade tendo o lugar de ser sempre invalidado e destinado para servir aos senhores.

Os corpos estão divididos em categorias e colocados como produtos em prateleiras de supermercado, podendo-se então escolher entre o feminino e o masculino. É preciso então compreender como os limites de gênero produzem processos de dor e transformar esses processos em procedimentos performativos com o corpo em ação.

A presença do corpo do artista em performance guarda a problemática do sentido do limite humano, uma vez que o corpo é percebido enquanto potência e força, como morada de uma vida, como enunciado de sobrevivência, como o lugar onde a vida acontece. O corpo-todo da obra que nos referimos neste estudo, constrói-se em performance e parece ser movimentado por um envolvimento de afetos potenciais imanados pelo agenciamento e conexão entre os corpos; afetos estes que se produzem no processo do acontecimento e transbordam entre os corpos envolvidos. (Malavolta, 2017, p. 71)

As particularidades dos processos que envolvem a transição de gênero são cercados de dor e violência de gênero. O processo de mudança social é extremamente complexo e envolve vários setores da sociedade que permeiam nossas existências, enquanto artista tenho pensado em como criar a partir de processos que são dolorosos fisicamente e psicologicamente. Fica nítido que a dor psicológica pode estar no campo das subjetividades e ter diferentes formas de ser sentida. Porém quando falamos de impor ao corpo dor física como elemento cênico da ação, temos então uma concretude da presença da dor como campo estético e material. Aqui ela é um elemento de produção do conjunto de características que compõe a cena da performance e o programa performativo das ações realizadas naquele momento.

REFERÊNCIAS

ARTREF. **Conheça Chris Burden e o extremo do body art.** Disponível em: <https://arteref.com/arte-contemporanea/conheca-chris-burden-e-o-extremo-do-body-art/>. Acesso em: 05 de janeiro de 2025.

BENZINE, Vittoria. Art Bites: **Why Chris Burden Asked a Friend to Shoot Him.** Artnet News, 21 ago. 2024. Disponível em: <https://news.artnet.com/art-world/art-bites-chris-burden-shoot-2524564>. Acesso em: 05 de janeiro de 2025.

MALAVOLTA, Ana Paula Parise. **Performance, Corpo, Limite e Acontecimento:** uma experiência através das artes visuais. Universidade Federal de Santana Maria, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/13698> . Acesso em: 18 de dezembro de 2024.

MATIEL, Carlos. **Tierra de nadie**, performance. Galleria Continua, Paris, França. Disponível em: <http://www.carlosmartiel.net/tierra-de-nadie/>. Acesso em: 19 de dezembro de 2024.

ZUMTHOR, Paul. Performance, recepção, leitura. 1. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2007.